

sobre tudo

EM BUSCA DA PALAVRAMUNDO

Em 1981, Paulo Freire abria o Congresso Brasileiro de Leitura, em Campinas, com a célebre palestra *A importância do ato de ler*. Entre lembranças de sua infância no Recife e reflexões sobre a dimensão crítica da leitura, Freire enunciava em sua fala um dos mais importantes pressupostos de seu pensamento político-pedagógico: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ou, dito de outra forma, o processo que envolve o ato ativo e crítico da leitura “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita” (FREIRE, 1992, p. 15). Para o pedagogo, a leitura se inicia desde a primeira-infância nas relações que estabelecemos com o universo que nos cerca. E deveria se expandir com a alfabetização, quando continuamos a ler o mundo, só que dessa vez munidos do código escrito, ferramenta que serve para ampliar nosso conhecimento e nos aproximar desse mesmo mundo – não para nos apartar dele.

Para Freire, a linguagem está atravessada pela realidade vivida e esta, por sua vez, se constitui pela linguagem. Assim, a leitura deve ser um exercício de percepção das relações estabelecidas entre o texto e seu contexto e a alfabetização deve ser a busca pela palavramundo, àquela em que o código escrito e a experiência do educando/leitor se confundem. Se o ato de ler pode prescindir da escola, a escola não pode prescindir da leitura e não pode reduzi-la ao ensino esvaziado de experiência de letras e palavras. A escola inaugura uma nova etapa

nesse processo de conhecimento do mundo porque ela pode possibilitar inúmeras formas de leitura. Ao mesmo tempo, ela entrega ao educando um novo contexto no qual o ato de ler é atravessado por novas mediações. Não se trata somente das relações que estabelecemos com o universo imediato da família – com a linguagem dos mais velhos, com as sombras das árvores ou com os bichos da casa – com o qual aprendemos a ler o mundo desde sempre. O cotidiano escolar traz outros elementos: os horários das aulas, a alegria do recreio, o aprendizado orientado e sistematizado do docente, o convívio com os colegas, a manipulação de novos objetos, e, como não poderia deixar de ser, o contato com o código escrito. A escola alfabetiza em muitos sentidos e oportuniza múltiplos aprendizados, porque alfabetizar é, ou deveria ser, um exercício de criação. Por isso, para Freire uma pedagogia que se pretenda emancipadora precisa partir do contexto imediato do educando, seja ele criança ou adulto. Trata-se de ir em direção à palavra e voltar a esse mesmo lugar, agora ressignificado e re-criado. Esse é o ato político e criador da educação: buscar a palavramundo.

A atual edição da revista **Sobre Tudo**, Vol. 14, N. 1, *Aprendendo a ler o mundo*, apresenta reflexões sobre o papel do ato ampliado de ler para a produção crítica do conhecimento mediado em diversas práticas escolares. Gostaríamos de insistir na palavra ampliado. Embora a fotografia de Naiara Chaves Zat escolhida para capa possa sugerir um sentido restrito e quase literal para a palavra leitura, o que ela nos apresenta é carregado de significados. A menina, que traz consigo todo o aprendizado vivido antes de ingressar na vida escolar, está no pátio de sua escola, portanto em um novo e particular contexto, ampliando sua existência no contato com a leitura. E apesar de a fotografia retratar a menina sozinha, é difícil afirmar que ela está só. Parafraseando Paulo Freire, dessa vez em **A Pedagogia do Oprimido**, nunca estamos só e não nos educamos sozinhos, todos se

educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. A menina lendo, está em comunhão com o contexto escolar; com o que já viu, leu e escutou antes; com o objeto livro em suas mãos; com os personagens da história e suas ações; aprendendo a ler o mundo.

É a partir da perspectiva freireana que apresentamos os textos que integram a presente edição. A começar por quatro artigos científicos voltados ao ensino na Educação Básica. O primeiro deles, “O exercício poético-pedagógico da observação no estágio docente”, é de autoria do Dr. José Douglas Alves dos Santos e da Dra. Monica Fantin, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina. Os autores trazem um olhar poético sobre a prática de acompanhamento de nove estudantes, em duas escolas distintas, durante o estágio docente no curso de Pedagogia em sua instituição, enfatizando o caráter autoformativo do percurso. O segundo artigo, intitulado “O projeto Ler é Legal”, do Dr. Alaim Souza Neto e de sua orientanda do PROFLetras da Universidade Federal de Santa Catarina, a Ma. Fabrícia Cristiane Guckert, socializa uma sequência de experiências pedagógicas realizadas em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, por meio do desenvolvimento do projeto de incentivo à leitura e à formação de leitores mediada pelo teatro.

Na sequência, temos dois artigos voltados ao letramento científico e tecnológico. Em “A utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) como ferramentas para complementação do ensino em escolas públicas de Barbacena-MG”, o Esp. Luiz Felipe da Silva Monteiro e o BSc. Emmanuel Victor Moreira Batista, ambos do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, verificam a utilização de tecnologias de informação e comunicação como recurso auxiliar no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de química, o que na prática envolveu o uso de retroprojetores e modelos tridimensionais. Logo depois, apresentamos “O ensino de ciências e a educação inclusiva: desafios e possibilidades na formação

docente”, artigo científico de autoria da Dra. Cleusa Inês Ziesmann, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e da Bacharel Emily Kassiane Nicoli, da Universidade Federal da Fronteira Sul. Nesse trabalho, realizam um estudo sobre os desafios e possibilidades na formação docente de professores de ciências na perspectiva da educação inclusiva, no contexto do Ensino de Ciências.

No que se referem aos trabalhos de Iniciação Científica no contexto da educação básica e da formação docente, a presente edição traz à público cinco pesquisas. A primeira delas, “Literatura e Educação Física escolar: investigando possibilidades”, é de autoria do Dr. Cristiano Mezzaroba e de sua orientanda Jackeline Cristina Santos Rodrigues, ambos da Universidade Federal do Sergipe. Trata-se de uma pesquisa de PIBIC em que identificam e selecionam livros de literatura capazes de estabelecer um diálogo os conteúdos da disciplina de Educação Física e o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, além de valores humanos, curiosidades diversas e aspectos interdisciplinares. O segundo artigo de PIBIC também segue pelo campo da linguagem: em “Gramáticas: tipos, análise e ensino de pronomes pessoais”, Dra. Simone Azevedo Floripi, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e o Me. Giovanni Fama de Freitas Morato, que atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, abordam variadas formas de percepção do termo “gramática” e como os pronomes pessoais são trabalhados em obras comumente usadas em escolas, a fim de proporem uma abordagem de ensino sob perspectiva metodológica da pedagogia da variação linguística. Ainda no campo da linguística, em “Gêneros da esfera familiar: produção e circulação”, o Dr. Leosmar Aparecido Silva, da Universidade Federal de Goiás, e a Dra. Laura Silveira Botelho, da Universidade Federal de São João del-Rei, orientam Victor Alexandre Silva da Universidade Federal de Goiás, em uma investigação acerca do discurso, da família e de quais gêneros circulam e/ou são produzidos neste meio, de modo a propor

um letramento amplo, significativo e contextualizado das práticas de leitura e escrita dos alunos.

Passando para o campo das Ciências Humanas e Sociais, em “Para uma boa educação feminina: direcionamentos e conselhos de Verney e Sanches em manuais e tratados portugueses do Século XVIII” a Dra. Kelly Lisie Julio, da Universidade Federal de São João del-Rei, orienta José Cássio Marques Passos, em um projeto de PIBIC, em que analisam o discurso propagado durante o século XVIII quanto ao papel das mulheres, particularmente no que se referia à educação. De modo mais específico, a pesquisa se propôs a investigar dois manuais de autores iluministas portugueses: “Verdadeiro método de estudar” (1746), de Luiz Antônio Verney e “Cartas para a educação da mocidade” (1754), de Antônio Ribeiro Sanches.

Por fim, ampliando os letramentos para o campo das ciências naturais, em “Desenvolvimento sustentável e agroecologia na percepção dos estudantes de ensino médio do CAP – COLUNI”, a Dra. Flávia Monteiro Coelho Ferreira”, do Colégio de Aplicação da Universidade de Viçosa, orienta os trabalhos de PIBIC JR dos estudantes Pedro Henrique Linhares de Sousa e Giselle Semião Fernandes da Silva. Em sua pesquisa, avaliam o grau de conhecimento dos estudantes da educação básica sobre sustentabilidade e agroecologia, a fim de utilizá-lo como ferramenta de ensino, pesquisa e extensão no contexto da nova BNCC.

Encerrando uma edição tão especial, em que a leitura não se aprisiona nos livros, mas ganha o mundo na perspectiva ampla dos diversos letramentos, endereçamos o último texto ao Patrono da Educação Brasileira. A homenagem vem em forma epistolar em: “Carta para Paulo Freire: por uma juventude indignada e comprometida a esperar”, em que a Ma. Jéssica Lins de Souza Fernandes, da Universidade Federal de Santa Catarina, dialoga com a obra freireana e as políticas educacionais instituídas no Brasil, principalmente durante

os governos Lula e Dilma, em um compromisso firmado em prol de uma educação indignada e emancipadora.

Chegando ao final dessa apresentação, só nos resta desejar que cada leitor se aproprie de sua palavramundo. Sugerimos como guia o poeta Manoel de Barros, o qual recomenda começar sua jornada num sonho de ave extraviada ou em língua de criança, ao seu redor e ao mesmo tempo em si.

Boa leitura!

Comissão Editorial

Dra. Fernanda Müller/UFSC (Editora-chefe)

Dr. George França/UFSC

Dra. Gláucia Dias da Costa/UFSC

Ma. Lara Duarte Souto-Maior/UFSC

Dr. Leomar Tiradentes/UFV